

# No 1.º Centenário de *O Criacionismo*

Uma leitura descalça

J. Pinharanda Gomes

A tese intitulada *O Criacionismo (Esboço de um Sistema Filosófico)* foi escrita na vila de Lixa, (com o bem determinado objetivo de servir ao Autor num Concurso oficial), entre os dias 5 de maio e 20 de junho de 1912, ficando pronta muito a tempo de ser impressa em tipografia, uma vez que as provas só iriam ocorrer em dezembro. Dez dias após o termo da redação, morria-lhe o primeiro filho, a cuja memória dedica o livro, a Dedicatória fechando com uma chave de ouro, contendo, até, a belíssima noção, verdadeira epígrafe para poema ou teologuema – “Que o seu espiritualismo reverdeça em esperança, essa saudade”. Vale a pena bisar: “esperança, essa saudade!”.

Composto e impresso na Tipografia Costa Carregal, sita na Travessa Passos Manuel, n.º 27, na cidade do Porto, na página 4 do volume consta a indicação “Impresso em Agosto de 1912”, podendo haver alguma dúvida se este mês de agosto foi o do início ou o do final da tarefa, uma vez que ainda faltavam uns meses para efetuar as provas na Faculdade de Letras de Lisboa, e talvez não fosse curial disponibilizar desde logo um trabalho cuja primeira leitura deveria ser privilégio do júri<sup>1</sup>. No entanto, numa entrevista a um jornal de Lisboa, Álvaro

<sup>1</sup> Além dessa edição, foram efetuadas mais as seguintes: *O Criacionismo (Síntese Filosófica)*, Liv. Tavares Martins, Porto, 1958, apenas com esta parte do livro, com prefácio de Delfim Santos,

Pinto, ao referir as edições da “Renascença Portuguesa”, afirma que esta “tem já na sua biblioteca [...] *O Criacionismo*, de Leonardo Coimbra”, o que sem dúvida induziria o leitor a pensar que a obra já se encontrava disponível<sup>2</sup>...

Quando se decidiu a concorrer ao lugar de professor na Faculdade de Letras, não estava num ponto zero, e decerto que olhou para quanto produzira ou escrevera até à data, sendo talvez de oportuno interesse efetuar uma leitura dos *Dispersos* anteriores a maio de 1912. Apenas a título de sugestão, podemos considerar a conferência intitulada “Filosofia da Liberdade”, proferida em 18 de março desse ano. Quase se podia admitir que Leonardo tomou essa conferência, reordenou-a, ampliou-a, reconstruiu-a e coroou uma obra de filosofia arquitetada. Nessa conferência, ele aborda a sequência temática que integra a Realidade, os Sistemas Filosóficos, Comte, Kant, Hegel, o Criacionismo, o Materialismo e, por fim, o Olimpo, ou, no seu dizer, “as últimas notícias do céu”, ou a alegoria do Amor<sup>3</sup>.

Suscitando os que na tese seriam seus preferidos problemas, entre outros, já ele avançava com a noção do nome que depois daria à tese, justificando: “A palavra ‘criacionismo’ tem sido empregada para discutir a origem dos mundos, opondo-se a ‘evolucionismo’”. Este uso é defeituoso porque se refere a um problema que não existe... Emprego-a para significar que a filosofia da liberdade garante o valor criacionista da atividade cósmica e é, por virtude própria, progressiva e criadora”<sup>4</sup>. Sem figura *a fortiori*, esta definição em muito se parece com a que viria a escrever na tese (*Síntese Filosófica*, 1.ª ed., p. 257), introduzindo nesse passo o substantivo *cousismo*.

edição incluída no Plano das Obras Completas, dirigido por Sant’Anna Dionísio, e que tem o n.º 2. O primeiro livro, “Análise Científica”, estava previsto que seria o n.º 7, mas o projeto não se concluiu. Esta edição respeita o texto e contexto da primeira, apenas atualizando a ortografia.

Anos mais tarde, Sant’Anna orientou, para a Liv. Lello & Irmão, a edição das Obras Completas que veio a ser publicada em 2 vols., em 1983, *O Criacionismo* constando do Tomo I. Os textos foram compostos e impressos a granel, sem qualquer respeito pelos parágrafos peculiares do estilo leonardino, (se tivessem sido respeitados as Obras Completas iriam decerto para os três volumes, em vez de dois...) e omissão dos artigos definidos que o Autor sempre utilizou nos títulos das suas Obras. Ignoramos o que se passou: doença de Sant’Anna, ou pressa do Editor, dado ser certo que o chumbo da composição esteve havia muito na Tipografia sem ser liberto...

Por fim, a obra na íntegra, nas “Obras Completas”, Vol. I / Tomo II, Lx, INCM, 2004 (Coord. científica de Ângelo Alves, fixação do texto de Afonso Rocha). Apenas uma observação: as páginas contendo alguns *Dispersos* deveriam apresentar-se com um cabeçalho – *Dispersos* – na p. 379.

<sup>2</sup> Entrevista de Oldemiro César, *O Mundo*, n.º 4283, Lx, 10.8.1912, p. 1. Compilada in Leonardo Coimbra, *Cartas, Conferências* [...], Lx, Fund. Lusíada, 1994, pp. 49-53.

<sup>3</sup> L. Coimbra, Filosofia da Liberdade, *A Montanha*, Ano II, n.º 325, Porto, 20.3.1912, pp. 3-4. Cf. L. Coimbra, *Dispersos*, Vol. 3, Lx, Verbo, 1988, pp. 19-29.

<sup>4</sup> L. Coimbra, Filosofia da Liberdade, *Dispersos*, Vol. 3, ed. cit., p. 23; *O Criacionismo*, nova ed. INCM, Vol. I / Tomo II, p. 317, que de ora em diante citaremos.

Ora, neste momento, o pensamento e a vontade são convidados a contemplar o livro da tese, o primeiro livro de Leonardo, assim algumas vezes aludido pelos discípulos, a contemplá-lo como criatura nova, que nos fosse dada pela primeira vez, olhando apenas para ela, e tentando não distrair a vista em aspetos de contiguidade, de proximidade, anteriores ou posteriores, mesmo que alguma vez, enquanto contemplamos, o olhar nos fuja, infringindo a norma que Delfim Santos um dia exarou, a da vantagem de “uma introdução à obra de Leonardo Coimbra efetuada apenas a partir da leitura dos seus escritos, com total alheamento de bibliografia exógena”<sup>5</sup>. Uma *leitura descalça*, desajudada.

Obra arquitetada em dois livros, um de *Análise Científica*, outro de *Síntese Filosófica*, o Criacionismo é apresentado como sendo um “esboço de um sistema filosófico”, o delineamento do sistema, progressivamente apurado pelo filósofo em obras capitais que ora não consideramos, uma vez que apenas celebramos a festividade do primeiro livro, sem curar dos posteriores, e usando o possível das suas palavras.

\* \* \*

A tese abre sob o signo do Positivismo.

O primeiro parágrafo do primeiro livro (*Análise Científica*) nomeia desde logo o Positivismo, assim ao jeito de invocação inicial de um poema épico em que se enuncia o tema. Também aqui tudo será pendente do signo positivista, não para o aclamar, mas para o analisar, julgar e refutar. O processo demonstra o método que Leonardo propõe para a organização do novo sistema. Uma filosofia que, segundo a chave com que encerra a obra, “um pensador português pensou na sua terra natal, diante da evocação de todos os homens e seres, na mais pura sinceridade e na mais verídica, fremente e directa curiosidade”<sup>6</sup>.

Constituída por dois livros, *Análise Científica* e *Síntese Filosófica*, devendo portanto respeitar-se a relação recíproca de um com o outro, o autor introduz-nos na tese pela ideia de método, equivalente de sistema, salvo se não considerarmos que o sistema, disposição das partes de um todo numa determinada ordem ou organização, é gerado por um método, de tal forma que o sistema é obra do *método*, aberto, criativo e de superante dinâmica, enquanto o sistema pode incorrer no vício de assimilação e arrumação dos

<sup>5</sup> P. Gomes, in AA.VV. *Delfim Santos e a Escola do Porto*. Lx, INCM, 2008, p. 20.

Pensamos que será útil proceder à elaboração do léxico leonardino, utilizando as próprias noções por Leonardo definidas nos seus escritos. Circunstâncias da vida não permitiram que continuássemos a experiência – Vocabulário Filosófico – de que publicámos modesta amostra, no *Pensamento Português*, Vol. II, Braga, Pax, 1972, pp. 40-43.

<sup>6</sup> O *Criacionismo*, ed. cit., p. 378.

conhecimentos adquiridos, enquanto o método prossegue o avanço e o desvendamento, evitando apassivar-se erguendo-se como castelo contra os infiéis. Todavia, enquanto organismo vivo, todo o sistema se organiza segundo um método e todo o método se supõe orientar-se para um organismo ou sistema, que pode tender a uma vida de clausura, ou de fortaleza castrense, evitando e combatendo as antíteses ou objeções que se não adunem ao sistema que, em tais casos, nos aparece, não como filosofia, mas como ideologia, ou coisa. O método requer ordem e liberdade, enquanto o sistema pode limitar a liberdade mediante a exigência da autoridade, a disciplina. Ora, o método é um "idealismo indagador e amante da vida"<sup>7</sup>.

Ao método incumbe a coordenação das sensações, libertando-se do seu fluxo caótico e multimodo, do mesmo passo que constrói a consciência da superioridade, subordinando-as a fins ideais. A construção da consciência identifica-se então com a "verídica liberdade". Corolário: a verídica liberdade revela-se como produto de algo cujo fruto é ela mesma: "A filosofia é o órgão da liberdade"<sup>8</sup>.

Neste pressuposto, que tem de ser apodítico e não eventual, o método constitui "a própria vida do pensamento", o caminho deste sendo, desde logo, e de si, um "sistema filosófico" porque: só por si demonstra que o ser é um conjunto de noções reais, e não de cousas; as noções não resultam de uma associação de sensações, nem da pura espontaneidade do espírito. A noção define-se como "intuição racionalizada", esta sendo o "recebido", a forma pura em qualquer ciência. Cada noção é como que um átomo com sua valência, ou essência, entre outros e seus caracteres. Em termos onto-poéticos, cada noção aparece como *notio*, *énnoia*, notícia *de* ser (ou *do* Ser?) fulgor breve, um *sendo* daquilo, ou daquele, que é, e não é, como dizemos ser.

"O espírito humano é criador e tem a liberdade de opor, ao fluxo sensual, afirmações ideais"<sup>9</sup>.

Estes dons ou carismas apresentam-se como um "idealismo fecundo e activo", que está para além do que é positivo, ou talvez positivista, patente nas ideologias científico-filosóficas em presença dominante (mecanicismos, materialismos, positivismos, empirismos, etc.). Este idealismo fecundo e ativo, próprio do espírito humano, criador e criativo, constitui-se como "filosofia criacionista", criacionismo e, diz Leonardo, "num novo e mais legítimo sentido da palavra"<sup>10</sup>.

<sup>7</sup> *O Criacionismo*, ed. cit., p. 20.

<sup>8</sup> *Id.*, *ib.*, p. 19.

<sup>9</sup> *Id.*, *ib.*, p. 20.

<sup>10</sup> *Id.*, *ib.*, p. 20.

"Num novo", porque o termo *criacionismo* deviera equívoco, no decurso do tempo e dos mundos. Leonardo, só bem adiante da proposta inicial esclarece o caso – que o nome era usado "para discutir o falso problema da criação do mundo por Deus" (ou da "eterna existência do mundo")<sup>11</sup>. Esta foi a acção mais antiga, destinada a propor a criação divina do mundo, contra monistas e panteístas, distinguindo *criador* de *criatura*, sem o perigo lógico de um dualismo, mas, na medievalidade, o nome designou a teoria da criação das almas, segundo a qual a alma humana é criada por Deus de imediato, e logo insuflada no corpo de cada humana criatura. A alma é criada e infundida por Deus nos corpos, seja no momento da concepção, seja ainda no estado embrionário, isto é, de qualquer modo, desde o primeiro instante<sup>12</sup>.

A primitiva ideia basta ao razoamento leonardino, que pretende esvaziar de sentido esse problema, que, de resto, não é um problema de Deus, cujo verdadeiro problema, consiste na disjuntiva ou dilema – se a consciência é um acidente humano ou a "mais intranha realidade e essência". Só pela realidade moral as criaturas se afirmam autónomas e não autómatas, como se não fossem. Livres e criativas, garantem a justeza do nome, de "um novo sentido" para uma "velha palavra".

É uma filosofia da liberdade, por isso merece o nome de Criacionismo.

"A nossa filosofia é uma filosofia da liberdade, porque o seu Universo é uma sociedade de consciências, e a consciência feita pessoa é actividade livre e criadora", de tal modo que, em conclusão, "o grandioso Cosmos material é, pela mais legítima das analogias, acção de consciências"<sup>13</sup>. *Criacionismo*, termo, portanto, de início da Metafísica Geral, da Psicologia e da Cosmologia, teve ainda a função de se opor ao evolucionismo naturalista e ao transformismo<sup>14</sup>.

Método idealista, indagador e amante da vida – que é a alma do Universo – ele partilha do positivo, do que está e se apresenta ao espírito humano que, então, audacioso e inquieto, parte em busca do positivo coordenável, obra do metafísico "insondável, inexaurível, infinito"<sup>15</sup>. É construtivo e dialético, ou,

<sup>11</sup> Id. *ib.*, p. 317.

<sup>12</sup> O tema criacionista da alma tem antíteses no Pré-existencialismo (todas as almas existem já antes da infusão num corpo) e no Traducionismo ou Generacionismo, em que a alma é gerada ao mesmo tempo que o corpo.

<sup>13</sup> *O Criacionismo*, ed. cit., p. 317.

<sup>14</sup> O tema do debate acerca do Evolucionismo/Determinismo na condição portuguesa merece um estudo monográfico. Um *determinismo evolutivo*, qual o enunciado por Silvestre de Moraes, educado por Jesuítas, oferece algumas analogias com o pensamento leonardino. No nosso *Dicionário de Filosofia Portuguesa*, 2.ª ed., Lx, Dom Quixote, 2004, pp. 133-134 deixámos breve aperitivo.

<sup>15</sup> *O Criacionismo*, ed. cit., p. 20.

recorrendo a uma terminologia escolástica, o sistema é dialético ou doutrinal e, do mesmo passo, disciplinar: a doutrina supõe uma disciplina e esta supõe uma doutrina. Revertendo ao transe dialético, esclarecido fica como, para além de um "criacionismo positivista", está "o puro e absoluto criacionismo", "a entranha metafísica do Universo"<sup>16</sup>.

Entender o positivo coordenável garante a norma segundo a qual o Criacionismo "parte da ciência e volta a ela, para ver, nos seus determinismos, os instrumentos da acção da consciência"<sup>17</sup>. A ciência tem de sê-lo: certa, domínio da certeza, quanto à filosofia incumbe a verdade. "O Criacionismo edifica, na sua natural trajectória, a ciência, a arte, e, se não a religião, os seus equivalentes e substitutos".

Leonardo objetou, e com justa razão, ao "preconceito científico"<sup>18</sup>, espécie de *cousismo*, ou banalidade, mas valorou as ciências com seu próprio carácter contributivo. A anteposição do livro da Análise Científica não deve ser interpretada como um capricho ou uma solução ocasional, destinada a satisfazer as condições do Concurso. Leonardo recebera formação científica em Coimbra, na Escola Naval e na Escola Politécnica do Porto e colhe-se a ideia de que visou refazer a escada das Ciências, desde as Matemáticas às Metafísicas, valorizando as intermédias. Na visão leonardina, a Faculdade de Letras tinha de incluir as Ciências. Ocorre lembrar o Decreto n.º 5491 (2.5.1919) que modificou o quadro das disciplinas do 6.º Grupo, criando as cadeiras anuais de Matemáticas Gerais, Física Geral, Química Geral, Biologia, Sociologia, Psicologia, Teoria da Experiência (Ciência, Arte, Moral) e Metafísica, mantendo as antigas cadeiras de História das Filosofias, unindo na mesma escola a Filosofia Natural e a Filosofia Racional, mas o novo programa não entrou em vigor porque o Governo de que fazia parte caiu<sup>19</sup>.

A ciência não esgota o conhecimento e, para ser autêntica, deve assumir a liberdade de existência e operatividade de outras formas, admitindo, antes de outras, afirmar o valor da Arte e da Filosofia como seu complemento, pois elas a completam, sem elas havendo o risco de racionalização das leis científicas, ao minorar a essencial operatividade da intuição. Esta excede a racionalização estética, e o espírito, sob o perigo de se render, cede em evidência e rigorismo para viver em conceitos tão cheios de vida interior, que as

<sup>16</sup> Id., *ib.*, p. 311.

<sup>17</sup> Id., *ib.*, p. 328.

<sup>18</sup> L. Coimbra, O Preconceito Científico, *A Montanha*, Ano I, n.º 8, Porto, 9.3.1911, p. 1. Cf. *Dispersos*, Vol. 2, Lx, Verbo, 1987, pp. 177-179.

<sup>19</sup> *D. Governo*, n.º 91, 1.ª série, 2.5.1919. Cf. A. H. Oliveira Marques, *Notícia Histórica da Faculdade de Letras de Lisboa (1911-1961)*, Lx, Ocidente, 1970. Oliveira Marques escreveu que este plano de estudos poria Portugal "na vanguarda das nações" (*ob. cit.*, p. 24).

combinações formais perdem o alcance, a utilidade e o sentido. A intuição é fonte perene das artes, pois nelas está presente o “espírito dramático da vida” que não se deixa aprisionar nos formalismos científicos<sup>20</sup>. A intuição, como a noção, conhece e move, e, por ambas se institui a realidade, que é um “sistema de noções”. A razão vigia, mas, em todo o caso, “a razão é sem descanso perante uma intuição inesgotável”<sup>21</sup>, assim Leonardo a fixou num dos seus mais emblemáticos apoteogmas.

Com efeito, o mundo coordenável forma-se como “fremente afirmação do espírito”, superando de contínuo a difusão das noções. Assim, no Criacionismo, “arte e filosofia são postas pelo pensamento e não opostas ao pensamento científico”<sup>22</sup>.

A ciência terá de apresentar o carisma de “certa” e não de “mero ou misterioso símbolo cómodo e fecundo”<sup>23</sup>.

A Filosofia não aniquila as demais vias do conhecimento, bem pelo contrário, pois “Ciência, Moral e Religião são obras do pensamento, que, na pessoa e para a pessoa as edifica”. Contudo, há uma exigência irrevogável, mesmo sagrada: “Ciência, moral e religião têm de ser momentos de pensamento e não imposição estranha [...]. No Criacionismo é assim para a ciência e para a moral das consciências em sociedade de pessoas livres”<sup>24</sup>. O surgimento da pessoa como sujeito e agente da ascensão para a sabedoria nasce também dentro dela, pois “a filosofia criacionista não recebe por acção exterior o motivo de inflexão da sua trajectória”, mas “foi a dialéctica científica que a levou à pessoa, que a Arte conserva e engrandece”<sup>25</sup>.

O infinito é o limite do Criacionismo que, por isso, goza de infinitude. Não diremos como outro infinito, a par do único divino, mas como seu atributo: o pensamento criacionista acompanha a imensidade e a intemporalidade divinas, cabendo-lhe integrar a causalidade no pensamento dialéctico, de modo a que ela seja, no domínio dos inferiores, o serviço dos superiores e especialmente da liberdade. A liberdade da pessoa não pode deixar de ser retrato da liberdade divina. Pertence-lhe conhecer e organizar além da causalidade enquanto “simples disposição dos fenómenos ao longo do tempo em si”, pois então a pessoa seria incapaz de organizar o mundo, e a realidade seria um acosmismo”<sup>26</sup>. Ou, retomando as arcaicas palavras dos mais arcaicos

<sup>20</sup> *O Criacionismo*, ed. cit., p. 19.

<sup>21</sup> *Id.*, *ib.*, p. 64.

<sup>22</sup> *Id.*, *ib.*, p. 297.

<sup>23</sup> *Id.*, *ib.*, p. 328.

<sup>24</sup> *Id.*, *ib.*, p. 319.

<sup>25</sup> *Id.*, *ib.*, p. 318.

<sup>26</sup> *Id.*, *ib.*, p. 349.

conceitos – *o caos do nada*. Determina-se aqui um corolário já antes aludido – o Criacionismo crê ser a própria vida do pensamento, a síntese da ciência, da arte e da filosofia.

Do relativo ao espaço do mundo também se infere o relativo ao tempo, que não se compreende como um somatório de instantes, ou de momentos. Estes são apenas sinais, limites de extensão e duração. O pensamento é movimento. O tempo só se dá a conhecer como movimento, seja este móvel ou quedo, pois o quedo surge como um aspeto do movimento. A categoria essencial é o movimento: Verbo transitivo: o *quedo*, ou inerte, é uma relação modal.

“O infinito do criacionismo não é o do espaço ou o do tempo. É o da acção amorosa, é a continuidade moral. Os outros infinitos são cousistas”<sup>27</sup>.

Cousa, do latim *causa*, significa o que tem identidade, corporal ou espiritual, natural ou artificial, real ou abstrata. O vocabulário exprime uma noção vaga, empregando-se muitas vezes como expressão pobre para designar algo cujo nome se omite, ou por preguiça, ou por ignorância, ou por comodismo, sendo algumas vezes substituído por um pronome demonstrativo (*isto, isso...*). Na língua francesa, por exemplo no *Discurso do Método* de Descartes, encontra-se nestas circunstâncias, algumas vezes, a palavra *chose*, e *chosisme* já existia na língua francesa, que foi, decerto, muito lida por Leonardo nas questões filosóficas. Cada noção é verdadeira, não simples cousa, e transformar a noção em cousa é o maior pecado filosófico<sup>28</sup>, constituindo uma sedução falaciosa que pode, até, contaminar o nome de Deus, e os ismos são, em geral, cousismos, banalidades, vulgaridades. No Criacionismo, o infinito “significa a liberdade moral”<sup>29</sup>.

Leonardo propõe o sistema como “método humilde e heróico”. Quanto mais alto se sobe, maior é o desenraizamento e, porventura, a queda, se o ritmo de ascensão fugir à liberdade moral, pois o sistema se afirma ainda como ‘sistema moral cósmico’, lugar junto da consciência que “dirige a vida”<sup>30</sup>. Teoria do conhecimento, gnosiologia, filosofia do conhecimento, sim, mas também, método de libertação, gesta da ideia entre as coisas. Gesta de criação sob o signo da obra, da construção do mundo: “O homem não é uma inutilidade num mundo feito, mas o obreiro dum mundo a fazer”<sup>31</sup>. O mundo criado está aí para ser construído.

Assim como em parte alguma podemos não escrever a palavra *Ontologia* e, no entanto, escrever uma obra como unívoco tratado do *Ser* e dos seres,

<sup>27</sup> Id., *ib.*, p. 307.

<sup>28</sup> Id., *ib.*, p. 26.

<sup>29</sup> Id., *ib.*, p. 329.

<sup>30</sup> Id., *ib.*, p. 316.

<sup>31</sup> Id., *ib.*, p. 20.

também em parte alguma podemos escrever a palavra *Teologia* e, não obstante, o nome de Deus estar em toda a página, dito, ou posto em imagem, ou figura de estilo. Logo no início do livro, numa tese que os costumes do tempo exigiam livre de toda a nomenclatura de improváveis concepções ou conceptualizações metafísicas; logo no início, num escrito destinado a uma escolástica positivista, de signo ateu, mais do que agnóstico; logo no início, em postura como que desafiante das convenções e dos temores e dos tremores, Leonardo afirma que o Criacionismo não tem medo das alturas e é, por isso, “humilde e heróico”, uma filosofia animada de esperança, “verde mistério das forças espirituais”. Em boa verdade, a oração de sapiência começa sob a invocação do divino: “A sua atitude perante Deus é de confiança, vinda da continuidade da vida moral, e, por isso, nunca esquece que o caminho de Deus é o da virtude”<sup>32</sup>.

Explicitando que não se trata aqui de um ato de fé, conforme a uma teologia revelada, mas como visão de um entendimento racional, Leonardo repõe Deus nos limites dos sistemas científicos que o evitaram: “A afirmação da sua vontade moral (ainda que solitária) – e portanto prova de coragem e de vocação sacrificial – em frente ao Universo amoral, é um dos momentos do seu caminho para Deus”<sup>33</sup>.

A embebência religiosa, com sua inevitável vinculação ao divino assalta-nos a cada passo da leitura. Ao concluir o primeiro livro, em que trata da dialética científica, observa que, “partindo do número, do espaço e do tempo abstractos e da matéria, subiu à vida, da vida à consciência, e da consciência à pessoa”<sup>34</sup> e, encerrando o discurso, promete mostrar como “é possível tirar uma filosofia da liberdade da nossa análise já feita” e como ela é um método que, explicando dificuldades do pensamento, “leva naturalmente a uma metafísica moral e religiosa”<sup>35</sup>.

O nome divino emerge com frequência das orações reflexivas e meditantes, como que em matutina oração. Desde logo, para contestar os cousismos mais recorrentes, como o monismo, o dualismo, o panteísmo, o moralismo, etc., por vezes abordados na perspectiva das ideias de um pensador, por exemplo: no monismo de Haeckel, que era autor um tanto popular, há uma substância natural que é ao mesmo tempo Deus e Mundo e, portanto, matéria, energia e consciência simultâneas, o que constitui um “absoluto empirismo”, “uma ciência que só conhece factos” e salta para a luz a partir do mais absoluto apriorismo<sup>36</sup>.

<sup>32</sup> *O Criacionismo*, ed. cit., p. 20.

<sup>33</sup> Id., *ib.*, p. 20.

<sup>34</sup> Id., *ib.*, p. 263.

<sup>35</sup> Id., *ib.*, p. 265.

<sup>36</sup> Id., *ib.*, p. 223.

Ou também no caso das dificuldades de conciliar o conhecimento pelas sensações e a existência de Deus, pois, se as sensações não podem iludir-nos, mas se a ideia traduz Deus, e Deus é ser absoluto, não depende do nosso pensamento, nem pelas nossas sensações, como compreender que sejamos então iludidos, mediante o que se considera um "cousismo da sensação"<sup>37</sup>; ou o esforço moral, atividade abstrata, em Fichte cousada no nome de Deus<sup>38</sup>. Modo análogo em outras fontes magistrais, incluindo Tomás de Aquino, cuja filosofia se lhe apresenta como um "cousismo de Deus católico"<sup>39</sup>.

Na contemplação da realidade essencial, eterna, a Vida (o 5.º capítulo do Livro I, relativo à Análise Científica, é pelo filósofo dedicado à Vida), surge esta como um verídico centro cósmico, levando ao salto desde a matéria para o espírito e, enfim, para a sociedade em que a religião se realiza e como a consciência não desaparece. A consciência dirige a vida da qual a pessoa é "realidade essencial", tal como o Universo, o Cosmos, se entende como "acção de consciências". Direcionismo da matéria, a vida é por essência imortal, criada para não morrer.

A determinação do tempo exige a existência do Mundo e a existência de Deus que de algum modo não é problema, não havendo problema de Deus, este problema sendo, deveras, o do significado do ser humano e da sua consciência moral, mediante esta sendo a existência divina possível, sem eliminação das criaturas, viventes em fraternidade, uma irmanação no seio do absoluto, apesar do Mal, cousismo moral da pessoa.

"A fraternidade [...] só será para a consciência religiosa que encontre Deus; e em Deus o foco de todas as almas, o Amor, que pela sua inevitável sedução ampare, erga e exalte todos os corações". E logo depois: "A verdadeira fraternidade, irmanação do absoluto, começa neste primeiro momento do criacionismo, em que a reflexão filosófica demonstra como máxima realidade, a sociedade universal das consciências; para acabar, perfeita e integral no segundo momento (Deus e as Mónadas) quando do próprio coração do Universo, do mar subtil, inesgotável e infinito da Moral saírem, como mónadas, as consciências religiosas"<sup>40</sup>.

Leonardo apura aqui a intelecção da mónada, tema que já contemplara bem antes num ensejo de uma quase epístola aos poetas<sup>41</sup>. Mónada define-se como o "direccionismo da matéria", seja qual for a sua categoria, "desde

<sup>37</sup> Id., *ib.*, p. 294.

<sup>38</sup> Id., *ib.*, p. 297.

<sup>39</sup> Id., *ib.*, p. 294.

<sup>40</sup> Id., *ib.*, pp. 318-319.

<sup>41</sup> Aos Poetas Portugueses Religiosos. Uma Monadologia, *A Águia*, I, n.º 11, 15.4.1911, pp. 8-10. Cf. L. Coimbra, *Dispersos I. Poesia Portuguesa*, Lx, Verbo, 1984, pp. 21-26.

o mais ligeiro afloramento de vida até à mais ampla e profunda consciência", pelo que as mónadas, diferentes e plurais, se dispõem em hierarquia, da bruteza até ao divino, existindo como ação exterior que se previne e se prevê. Quanto mais elevada, mais real e mais capaz de sínteses ou de "unificação das oposições". A mónada superior equivale "à consciência livremente religiosa", não cousificada nem cousificante, afirma-se em Deus, as almas humanas n'Ele se afirmando, mónadas superiores e imortais, viventes no Mundo, que é comunhão de mónadas: unas, independentes e, todavia, em absoluto comunicantes e também, a seu modo, vivificantes. A aura das mónadas chama-se Amor, exercido no "Caminho da Sociedade ideal" (chamado Tempo) e no "Limite da clara visão" (chamada Espaço) por solitação do "Amor infinito"<sup>42</sup>.

Uma intuição motora da razão, em convergente dialética cognoscitiva, levava ao inevitável achamento de Deus, não Deus como simples ideia traduzida em uma palavra, mas como ser que é. Os argumentos clássicos destinados a mostrar a sua existência (argumento ontológico, físico – ou cosmológicos) são como que desabilitados perante a noção de um Infinito que se afirma no nosso pensamento, esse Infinito sendo Deus, fonte "do oceano fremente do infinito amor", a energia que deveras cria o Universo: "Uma onda de amor imponderaliza o Universo"<sup>43</sup>. Este Universo consubstancia o Mundo que para Deus não significa diminuição.

Bruno, que é autor aludido por Leonardo, põe Deus no Início e no Fim, mas a ideia da integração na homogeneidade do absoluto conduz à prévia necessidade de um Deus diminuído, o que Leonardo entende incompatível com Deus, suma Perfeição<sup>44</sup>, ou, como escrevera um pouco antes: "Se Deus existe, Ele será o Infinito excesso. Deus será a única actividade a que o Mundo não faz obstáculo"<sup>45</sup>, pois "o mundo é uma sociedade de mónadas e não uma degenerescência divina"<sup>46</sup>, embora o Mal exista, sem dúvida, Deus sendo o criador de um Mundo onde o Mal existe por ignorância dos determinismos da ação, mas perante um horizonte rasgado pelo paradigma do bem, existindo nos períodos de repetição: Deus como criador, o Mundo como criatura e, de novo, Deus como último bem, e causa do amor que, por sua vez é causa da religião, que atua pelo sentimento, sendo este "uma obra do pensamento"<sup>47</sup>. *Amar* é implicativo de *pensar*.

<sup>42</sup> *O Criacionismo*, pp. 354, 357, 362 e 364.

<sup>43</sup> *Id., ib.*, p. 367.

<sup>44</sup> *Id., ib.*, p. 369.

<sup>45</sup> *Id., ib.*, p. 357.

<sup>46</sup> *Id., ib.*, p. 370.

<sup>47</sup> *Id., ib.*, p. 325.

O desvendamento do sistema desvenda também o segredo da sua alma, a esperança de que “a alma humana de novo subirá até Deus”<sup>48</sup>, motivo bastante para o jubiloso embolismo admonitivo que se lê qual precónio sacro da Esperança ativa: “Tudo podemos porque as nossas almas se enleiam e banham em mais opulentas almas, até que se banhem no grande oceano, que é a nascente do Amor”<sup>49</sup>.

O Criacionismo poderia intitular-se, sem risco de extravagância ou de hiperbolismo, um tratado da emergência divina. Quando, algures, Leonardo admitia que os nossos poetas seriam os nossos futuros teólogos, já ele se poderia inculcar no estrelato poético, pois ele atinge sensíveis êxtases em diversas páginas da obra, até mesmo quando viaja no domínio das ciências naturais, porque também nestas se espelha o rosto do Criador. Um ponto de excedência em relação à simples teodiceia: a profissão de Deus como Amor, e a revelação desse amor na pessoa de Jesus, numa perícope que o criticismo considera abusiva da autonomia filosófica *versus* religião. Algo ficou da catequese infantil, que prevaleceu na alma do filósofo e, para exemplificar o Amor, avoca o dito de Jesus no diálogo com a Samaritana (*Jo.*, 4, 13-14) lendo com expansão hermenêutica: “a água que eu lhe der virá a ser nele uma fonte de água que salte para a vida eterna”<sup>50</sup>.

No princípio é o Logos, Pensamento. Dele nasce o que por Amor se dá no Logos Incarnado. Logos, ou seja, o Ato Puro, insubstancial.

<sup>48</sup> Id., *ib.*, p. 377.

<sup>49</sup> Id., *ib.*, p. 378.

<sup>50</sup> Id., *ib.*, p. 366. Cf. P. Gomes, *Teodiceia Portuguesa Contemporânea*, Lx, Sampedro, 1974, pp. 83-88; Idem, *A Teologia de Leonardo Coimbra*, Lx, Guimarães, ed. 1985.